



## A escravaria da Vila de São Cristóvão/SE no Século XVIII: um perfil demográfico

*Anderson Pereira dos Santos<sup>1</sup>*

## The slaves of the Village of St. Kitts/SE in the eighteenth Century: a demographic profile

### *Resumo:*

Este trabalho tem como objeto a escravaria da Vila de São Cristóvão/SE no século XVIII. O objetivo é traçar a demografia deste segmento social determinando o sexo, origem, antropônimo, faixa etária, ocupações, condição jurídica, doenças mais frequentes, e o valor monetário. O corpus documental utilizado é formado por 23 inventários de senhores de escravos complementados por outras fontes de época. A pesquisa tem feição quantitativa e se valeu do programa SPSS 19.0 ao tratamento dos dados. Os resultados obtidos mostraram como a escravaria dos pecuaristas e senhores de engenho teve o predomínio dos criolos, do sexo masculino, com pouco parentesco, maciça presença de nomes católicos, de adultos em idade produtiva, de ocupação ligada ao campo, em bom estado de saúde, e preço médio de 69\$3494 réis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escravo. Demografia. São Cristóvão.

### *Abstract*

This work has as its object the slaves of the Village of St. Kitts / SE in the eighteenth century. The goal is to draw the demographics of this social segment determining sex, origin, antropônimo, age, occupation, legal status, more frequent diseases, and the monetary value. The documentary corpus used consists of 23 inventories of slaveholders supplemented by other sources of time. Research has quantitative character and drew the SPSS 19.0 program for processing of data. The results showed as the slaves of ranchers and plantation owners had the predominance of criolos, male, with little kinship, massive presence of Catholics names, adults of working age, occupation related to the field, in good health and average price of 69\$3494 reis.

**KEYWORDS :** Slave. Demography. St. Kitts.

209



1 Doutorando em História pela UFBA. Mestre em Sociologia e graduado em História pela UFS. Professor da Escola SESC/SC. Bolsista FAPESB com o projeto Os afortunados da Colônia: riqueza, acumulação e distinção em São Cristóvão/SE (1760-1820), orientado pela professora Dr.<sup>a</sup> Maria José Rapassi Mascarenhas. E-mail: revolumania@ig.com.br



## Introdução

Os estudos sobre a demografia escrava de Sergipe Colonial são incipientes. No período de 1760 a 1800, a pecuária manteve-se como a atividade econômica fundamental da Vila de São Cristóvão/SE. Esta região pecuarista voltava-se para o abastecimento dos mercados da Bahia, Pernambuco e Minas. Era um polo de baixa demanda escrava comparativamente às áreas mais importantes do Brasil, mesmo assim concentrava-se em São Cristóvão uma população escrava considerável.

Este trabalho tem como objeto a demografia escrava a partir dos inventários *post mortem* de São Cristóvão, de 1760 a 1800. O ano de 1760 foi escolhido como marco pelo reajustamento do tráfico, queda do preço do escravo, e começo da expansão da economia açucareira em Sergipe. E 1800, foi o momento em que aumentou a demanda por escravos na Capitania alavancada pelo complexo açucareiro. Portanto, estas balizas temporais sinalizam mudanças na demografia escrava.

O objetivo geral deste trabalho é traçar um perfil demográfico da escravaria da Vila de São Cristóvão. Objetiva-se compreender a composição demográfica dos escravos mediante a análise de variáveis como origem étnica, gênero, identificação nominal, etnia, parentesco, idade, condição jurídica, ocupação, doenças mais frequentes, e preço. Os principais modelos de análise adotados no estudo foram: Gilberto Freyre<sup>2</sup>, Luiz Mott<sup>3</sup>, Stuart Schwartz<sup>4</sup> e Katia Mattoso<sup>5</sup>. A contribuição da obra de Gilberto Freyre para o trabalho foi de entender as fronteiras, as identidades étnicas e identitárias do escravo no Brasil Colonial. De Luiz Mott tomamos as constatações de: numeroso contingente de pequenos proprietários de cativos, existência da escravidão na área dominada pela pecuária; e grande heterogeneidade da população escrava em Sergipe nos setecentos. De Stuart Schwartz utilizamos as características demográficas para a população ativa baiana, sugerida por ele, para o século XVIII. Por fim, de Katia Mattoso tomamos o trato metodológico com os inventários, e as relações entre aspectos demográficos com o preço dos escravos.

- 2 Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- 3 Cf. MOTT, Luiz R. B. *Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade*. Aracaju: FUNDESC, 1986.
- 4 Cf. SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- 5 Cf. MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

A metodologia utilizada é a quantitativa. Os dados foram quantificados com a ajuda do SPSS 19.0<sup>6</sup>, que gerou tabelas de frequência, gráficos e histogramas. Feita a transcrição dos inventários, identificamos 12 variáveis a partir das informações contidas nos documentos. Após este processo, formulamos 12 perguntas fechadas sobre tais variáveis; e alimentamos o banco de dados criado no SPSS. A análise estatística dos dados ocorreu obedecendo as seguintes etapas e comandos: 1<sup>o</sup> no SPSS clicamos em Análise, Estatística Descritiva, Frequência, na janela que apareceu marcamos Média, Moda, Desvio Padrão, Porcentagem, e Tabela, em seguida Enter; 2<sup>o</sup> em Análise, Estatística Descritiva, Frequência, e Gráfico; 3<sup>o</sup> Análise, Estatística Descritiva, Frequência, e Histograma; por fim, clicamos em Análise, Estatística Descritiva, Descritiva e Enter.

O trabalho divide-se em duas partes. A primeira “A Vila de São Cristóvão no século XVIII” trata sobre os aspectos geográficos, político, econômico e social da vila. A segunda parte “A escravaria dos pecuaristas e senhores de engenho da Vila de São Cristóvão” examina a composição demográfica da escravaria mediante a análise de algumas variáveis.

## *A Vila de São Cristóvão no século XVIII*

### *a) A Vila*

Em meados de 1750, São Cristóvão de Sergipe d'El Rey situava-se no alto do Monte Una<sup>7</sup> e às margens do Regato Paramopama<sup>8</sup>. Sua altitude era de 47 metros acima do nível do mar, e pouco mais de 11 graus ao sul da linha Equinocial. Limitava-se ao Norte com Itabaiana, ao Sul e leste com o mar e barra, ao Oeste com Lagarto. Estendia-se para a parte do sertão oito, ou nove léguas de extensão pelo Rio Vaza Barris de Cima e cinco para seis pelos rios Poxim grande e Merim, confinada com a Freguesia do Socorro da Cotinguiba pelo Nordeste, e com Santa Luzia de Piggohy,

6 O software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences, lançado em 1968) é um programa de análise estatística que permite fazer codificação de variáveis; exploração e cruzamento de variáveis: histograma, gráficos caule e folhas, caixa de bigodes; comparação de grupos de casos; correlação bivariadas; análise fatorial; regressão linear; séries de dados temporais; testes paramétricos: testes t, Anova; testes não paramétricos: sinais, McNemar, Wilcoxon, Mann-Whitney, Kruskal-Wallis, aleatoriedade, binomial, Qui-quadrado; análise de clusters; análise discriminante; complementos de análise de dados; e inquéritos, entre outras funções. Ver o site [www.ibm.com/software/analytics/spss/](http://www.ibm.com/software/analytics/spss/).

7 Grande elevação de terreno localizado na margem esquerda do Rio Paramopama.

8 Palavra de origem indígena. Hoje o Rio é denominado de Paramopama. O termo paramopama é uma derivação corrompida do tupi “pará-mo-pama, o mar feito bravo”.

por sudoeste.<sup>9</sup> A paisagem geográfica de São Cristóvão era composta por praias, dunas, colinas, matas e vales. O solo de média e baixa fertilidade natural era utilizado para a pastagem e plantio da cana de açúcar. Os principais rios que cortavam a vila eram o Vaza Barris, Paramopama, e o Poxim Grande, todos navegáveis e importantes rotas de transporte de pessoas e mercadorias.

A vila seguia o modelo urbano português. Em dois planos: parte alta, com sede do poder civil e religioso, e parte baixa, com o porto e comércio. Nos setecentos, havia a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia, dois Conventos de Religiosos: um de Carmelitas e outro de Franciscanos reformados, uma Casa de Misericórdia, um Hospício, uma Capela do Rosário dos pretos, a Casa da Câmara, a Cadeia, e o Cemitério. A área rural da Vila correspondia à parte dos territórios da freguesia do Socorro, Itaporanga, dos distritos do Rio Poxim e Ibúra, da Aldeia indígena Agua Azeda, além de terras que hoje fazem parte de Aracaju. No espaço da Vila de São Cristóvão havia seis Capelas filiais, e três de Religiosos: uma dos padres da Companhia de Jesus, e duas do Carmo; e onze Engenhos de fazer açúcar, a saber: quatro nas margens dos dois Poxins, e sete nas do Vaza Barris.<sup>10</sup>

Na metade do século XVIII, São Cristóvão possuía aproximadamente trezentas e noventa casas, e um mil quinhentos e noventa e cinco habitantes. A freguesia abrangia novecentas e oitenta e três casas, e quatro mil seiscentas quarenta e quatro almas. Em janeiro de 1775, a freguesia de N. S. da Victoria da Cidade de S. Christovão de Sergipe d'El rei, possuía 312 fogos e 2.247 almas.<sup>11</sup>

No início daquele século, Sergipe Del Rey gozava na condição de Capitania da Coroa.<sup>12</sup> Sob esta condição, se encontrava em São Cristóvão os principais cargos da administração colonial: o Capitão-mor, o Ouvidor-mor Geral, o Provedor-mor, o mamposteiro-mor, os oficiais da Fazenda, os vereadores e oficiais da Câmara, os almotacés, os alcaides; entres outros. Na teoria, isto significava uma presença mais efetiva do poder do rei

9 AMU, Lisboa. RELAÇÃO da Freguezia de Nossa Senhora da Victoria do cidade de S. Christovão de Sergipe d'Elrei, pelo Vigário Manoel Coelho de Carvalho. S. d. Documento: 2698. [Anexa ao nº. 2666]

10 AMU, Lisboa. RELAÇÃO da Freguezia de Nossa Senhora da Victoria do cidade de S. Christovão de Sergipe d'Elrei, pelo Vigário Manoel Coelho de Carvalho. S. d. Documento: 2698. [Anexa ao nº. 2666]

11 AMU, Brasil. MAPPA de todas as Freguezias ,que pertencem ao Arcebispado da Bahia e sujeitos os seus habitantes no temporal ao governo da mesma Bahia, com a distincção das comarcas e villas a que pertencem, com o numero de fogos e almas, para se saber a gente que se pôde tirar de cada uma dellas para o serviço de S. M., sem oppressão dos povos. Bahia, 9 de janeiro de 1775. (Anexo ao nº. 8745). Documento: 8750.

12 SALDANHA, António Vasconcelos de. *As capitánias do Brasil*. Antecedentes, desenvolvimento e extinção de um fenômeno atlântico. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.p. 194.



na Capitania e um controle total sobre a administração, economia, política e sociedade local. Do período de 1760 a 1800, passaram pela Vila de São Cristóvão nove capitães-mores. Todos eles residiram nesta Vila.

Em 1763, a Capitania de Sergipe Del Rey foi anexada a Capitania-Geral da Bahia. Como consequência da anexação, o capitão-mor de Sergipe passava a ser subordinado ao capitão-general da Bahia, e o território passou a ser circunscrição jurisdicional subordinada ao Tribunal da Relação da Bahia. Na prática o alcance do controle da Bahia sob Sergipe era militar e jurídico. Apesar dos fortes vínculos políticos, econômicos e religiosos a “subordinação”<sup>13</sup> de Sergipe à Bahia não existiu nos negócios e na política local.

A economia da Vila era baseada na pecuária, na agricultura, e na mineração (sal) para o abastecimento dos mercados da Bahia, Pernambuco e Minas, além do comércio. À época o termo de São Cristóvão possuía oito grandes engenhos: Escurial, São José da Cachoeira, Camassari, Buraco, Mandacorabo, Paty, Taperagua, e do Dira. Com base em Fernando Novais<sup>14</sup>, a Capitania de Sergipe desempenhou um papel importante para a Metrópole: na proteção militar de Salvador quando o território de Sergipe passou a ser militarizado, e no suporte à economia açucareira exportadora da Bahia e Pernambuco como complemento da produção, o que garantiria a lógica do Sistema Colonial. A sociedade sancristovense da época era hierarquizada. No topo da pirâmide estavam os membros da administração colonial, membros do clero e militares de alta patente. Em seguida vinham os agentes econômicos, profissionais liberais, por fim, libertos e cativos (africanos e indígenas)<sup>15</sup>.

### *A escravaria dos pecuaristas e senhores de engenho da Vila de São Cristóvão*

O plantel escravo da Vila de São Cristóvão contida nos inventários de 1760 a 1800 provinha da reprodução natural dos escravos. Outra parcela derivava do tráfico inter e intracapitanias dos portos da Bahia e de Pernambuco. Caracterizamos a demografia escrava começando pela etnia.

13 Baseado em uma leitura errônea da administração colonial na América Portuguesa “o modelo da subordinação” foi uma construção historiográfica baseada em uma vertente teórico-ideológica dos anos 60 e 70 para legitimar e justificar o atraso econômico de Sergipe em comparação a Bahia, a rivalidade da produção intelectual entre os autores dos dois Estados, e destacar a forte influência cultural da Bahia em Sergipe.

14 Cf. NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1979.

15 Nos inventários de São Cristóvão não houve registros de escravos indígenas, apesar da Capitania de Sergipe ter muitas missões. Os indígenas não eram utilizados devido a sua maior proibição, proteção das ordens católicas, e maior controle das tropas de resgates e apresamentos de indígenas.



Assim, os cativos africanos tinham as seguintes origens étnicas<sup>16</sup>: angola, gege e congo.

Dos 293 escravos alistados, entre 1760 a 1800; 79,5% não traziam identificação de origem. Este percentual permite-se propor duas hipóteses: a primeira que pela grande quantidade de escravos nativos a sua identificação seria uma tarefa desnecessária, pois seria mais viável destacar aqueles que eram de origem africana; e a segunda que devido o alto nível de miscigenação dos escravos na vila tornava-se quase impossível determinar a sua procedência. Entre os escravos africanos com origem identificada nos inventários um aspecto importante é desvelado: 13,3% deles eram angola e congo de procedência da África Central Atlântica. O que prevalecia era o escravo angola.<sup>17</sup> Isto se explica pelo crescimento das atracções de naus vindas desta região da África para Salvador e Recife.<sup>18</sup> Além de Sergipe ter sido um importante mercado consumidor dos escravos angola. Apenas 7,2% dos escravos tinham origem gege<sup>19</sup>. Apesar do apogeu do tráfico de escravos oriundos do Ciclo da Costa da Mina ter sido durante o século XVIII, Sergipe e por consequência São Cristóvão, pouco recebeu escravos da Costa da Mina.

No que diz respeito à distribuição dos escravos por gênero, na vila de São Cristóvão, nota-se que do total de 293 escravos, 170 era do gênero masculino o que equivaleria a 58%, e 123 eram do gênero feminino o que corresponderia a 42% da amostra. A pequena superioridade do percentual de escravos masculinos em relação às mulheres pode ser explicada, porque os homens suportariam grandes jornadas de trabalho, esforços físicos e serem uma força de trabalho mais produtiva. As escravas eram valorizadas pela sua capacidade reprodutiva e pelo trabalho doméstico.

Desta forma, a demanda por escravos masculinos estava associada a sua utilização na produção agrícola, determinada por estímulos econômicos com objetivo de maximizar os lucros. O preço do escravo masculino era mais elevado do que o feminino, mesmo assim ainda compensava o seu investimento e riscos.

16 As designações presentes nos inventários post mortem não correspondem exatamente às etnias africanas ou identidade culturais de origem, mas sim aos portos de embarque na África, conforme nos informa Douglas Libby. Cf. LIBBY, Douglas Cole. "As populações escravas das Minas Setecentistas: um balanço preliminar". In RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *História de Minas Gerais: as Minas Setecentistas*. Belo Horizonte: Autêntica/ Cia. do Tempo, 2007, p. 407-438.

17 O termo angola pode designar africanos de outras etnias da África Central Atlântica, e se referiria a um espaço geográfico bem mais extenso na África.

18 FLORENTINO, Manolo. RIBEIRO, Alexandre Vieira. e SILVA, Daniel Domingues da. "Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX)". Nº 31. *Afro-Ásia: Salvador*, 2004, p. 95.

19 Os gejes, jejes ou daomeanos eram aqueles que habitavam o leste da África e regiões vizinhas, representado por povos que falavam a língua fon, éwé, mina, fanti e ashanti.



Em relação a antropônomia temos as seguintes cifras: 86,7% dos escravos possuíam nomes; 8,9% possuíam nome e sobrenome; e apenas 1,4% dos escravos não possuíam nomes. Os africanos importados de Angola eram batizados em massa antes de saírem da África. Então, já traziam no peito a marca da Coroa Real como indicação de que foram batizados e por eles pagos os direitos.<sup>20</sup> Já os escravos trazidos de outras regiões da África geralmente só eram batizados ao chegar ao Brasil. O batismo era obrigatório. Ao batizar dava-se um novo nome, e muitas vezes nomes cristãos. Por fim, os negros batizados e constituídos em família tomavam, frequentemente, o nome de família dos senhores brancos.

Em São Cristóvão, os nomes escravos remetiam a sagrada família (Jesus, Maria, José), aos santos da Igreja Católica, e a nomes de origem Ibérica. Portanto, temos com mais frequência: Antonio, João, Joze, Matheos, Ignacio, Francisco, Catarina, Maria, Manoel, Miguel, Luis, Pedro, Lucas, Anna, Lucia, Tereza, Rita, Simam, Barbara entre outros. No entanto, alguns nomes eram típicos de negros, como: Benedito, Bento, Damião, Luzia, Felicidade, Esperança e Romão.<sup>21</sup> Além de: Vicente, Felis, Gonçalo, Josefa, Domingos, Luclecia, Benta, Prazeres, Bendito, Efegenia, Casula, Manoela, Clemencia, Donato, Anastacio, Genuino, Calisto, Furgenia, Angelica, Bernardino, etc. Como exemplo de escravos com nome e sobrenome, podemos citar: Maria Castaña, Manoel de Souza, Luis Carlos, Norato Carreyro, João de Deus, Maria Joliana, Maria dos Prazeres, Gonçallo Borges, João Liro, entre tantos.

De acordo com a classificação demográfica dos escravos pelos avaliadores segundo a cor, dos 293 escravos arrolados nos inventários de São Cristóvão: os criolos corresponderam a 35,4%; mulatos 24,6%; negros 23,5%; mestiços 7,2%; escravos 3,8%; pretos 1,7%; e pardos 1,0%. Para o contexto da Vila de São Cristóvão prevaleceu os criolos e mulatos. No entanto, em Sergipe predominavam criolos e mestiços.<sup>22</sup> Esta característica demográfica marcou a população escrava da vila como sendo bastante heterogênea.

A descrição e a classificação do escravo no momento da avaliação variavam de acordo com o contexto, época, e avaliador. Não havia um padrão. Na vila apenas 2% dos escravos não foram classificados segundo a cor.

O escravo nativo era indicado pelo termo *criolo* ou por categorias que denotavam a miscigenação (mulato, mestiço, negro mestiçinho, pardo). Em quanto que o escravo de origem africana era indicado pelos termos negro ou preto, ou muitas vezes genericamente denominado escravo. Os

20 Cf. FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

21 FREYRE, Gilberto. op.cit.

22 MOTT, Luiz R. B. "Os escravos nos anúncios de jornal de Sergipe". Anais do V Encontro nacional de estudos populacionais. São Paulo: 1986.p.4.



escravos nascidos na Colônia - criolos, mulatos, e mestiços – compunham a imensa maioria dos escravos da amostra em São Cristóvão. O termo escravo que apareceu em 3,8% da amostra poderia significar aquele que é de fora, o desconhecido. Os pardos eram genericamente indivíduos identificados como descendentes de brancos portugueses e negros africanos.<sup>23</sup>

A não participação direta no tráfico negreiro externo pela Capitania de Sergipe exigiu uma reposição frequente de escravos africanos vindos da Bahia o que possibilitou os primeiros escravos da capitania realizarem uma mestiçagem mais acentuada. Assim, a população de escravos criolos, mulatos, e mestiços representaram mais da metade do plantel inventariado.

Do ponto de vista do estabelecimento de laços entre os escravos, os inventários revelam índices baixíssimos de parentesco. Assim, temos: 84,6% dos escravos sem parentesco entre eles; 10,6% eram filhos de outros escravos; 3,4% eram casados; 1,0% eram irmãos de outros escravos; e apenas 0,3% era afilhado de outro gentio.

A alta proporção de escravos sem vínculo parental foi ocasionada pela grande necessidade dos senhores de engenhos e pecuaristas em manter o escravo exclusivo para a força de trabalho nas lavouras e currais, pelo grande número de pequenos plantéis e pela necessidade de preservar o sistema escravista. Não havia estímulo à formação das famílias escravas. É importante lembrar que nos inventários apenas as uniões legítimas, consagradas pela Igreja Católica eram citadas pelos avaliadores. Podemos observar às uniões ilegítimas pela presença significativa de crianças arroladas em cada plantel inventariado. Se apenas 3,4% dos escravos eram casados, isto quer dizer que uma grande parcela da escravaria era de solteiros, levando em consideração todos os escravos. Todas as vezes que se tinha registro da condição conjugal sempre a mulher escrava apareceu como dependente do homem.

Não foi verdade que criolos, mestiços e mulatos tenderiam a ter maiores oportunidades de encontrar parceiros na condição de escravos. O fortalecimento dos laços comunitários poderia trazer insegurança ao sistema escravista.<sup>24</sup> O estabelecimento de laços parentais influenciou os preços dos escravos. A desvalorização do escravo também variava de acordo com o nível de parentesco. O escravo com laços parentais valia menos em relação aos outros, porque a dependência familiar influenciava na força de trabalho e por consequência na produtividade. Uma última particularidade foi a baixa importância das relações de apadrinhamento. Apesar de o apadrinhamento representar: proteção, cuidado, afeto, convívio, preo

23 KARASCH, Mary C.. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp. 38-39.

24 Cf. SLENES, Robert. W. *Na senzala, uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.



cupação com o afilhados, e apoio em processo de libertação e momentos de doenças esta prática parece que pouco era utilizada em São Cristóvão.

A análise do perfil etário dos escravos, por sua vez, está prejudicada pelo sub-registro desta informação nas fontes que utilizamos. Muitos escravos foram avaliados sem mencionar sua idade. A faixa etária aproximada em alguns casos só foi possível identificar através do diminutivo da classificação. Nos inventários que constam a faixa etária dos escravos, além da idade em anos, são também apresentadas as “idades descritivas” dos cativos (de peito, de maior, moço, pequeno, velho, etc.), mesmo nestes casos não houve um padrão definido entre idade numérica e descritiva.

Mesmo assim, em relação a idade descritiva dos escravos inventariados, entende-se que: 90,1% dos escravos não tinham qualquer informação sobre sua idade; 3,4% eram velhos; 2,7% era de maior; 1,0% eram pequenos; 0,7% eram de peito; 0,7% era muito velho; 0,3% era de idade crescida; 0,3% era moço; 0,3 era menino; e 0,3 era nova.

Como se observa, os termos “peito”, “menino”, “nova”, “pequeno” e “crescido” corresponderiam aos primeiros meses até os sete anos de idade. O termo “moleca” se referia aos escravos entre os oito e quinze anos de idade. O termo “moço” se referia aos escravos na faixa etária entre os dezesseis e vinte cinco anos. O termo “de maior” eram aqueles entre os vinte seis e quarenta e cinco anos de idade. Os termos “velho” e “muito velho” eram os escravos situados acima dos quarenta e cinco.

Para fim metodológico, consideramos como *crianças*<sup>25</sup> os escravos entre 0-15 anos; *adultos*<sup>26</sup> os pertencentes à faixa entre 16-45 anos; e *velhos*<sup>27</sup> os que tinham 45 anos ou mais. Considerando a idade numérica, temos as seguintes às cifras: 95,6% da escravaria estavam descrita sem idade; 0,3% dos escravos tinham dois meses; um ano; dois anos; quatro anos; cinco anos; dez anos; doze anos; treze anos; quatorze anos; quinze anos; dezesseis anos; dezessete anos; e trinta anos respectivamente.

Mesmo com o sub-registro das idades dos escravos nos inventários, e considerando que todos os cativos que não tiveram sua idade informada fossem adultos, concluímos que o elevado índice de adultos mostra a necessidade de escravos em plena idade produtiva de trabalho. A atribuição das idades numéricas, era na melhor das hipóteses uma suposição ou esti-

25 É a menina, ou menino, o novo, o pequenino. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. v.2. p. 348.

26 Crescido, e chegado ao ponto de força, e vigor que tem os animais já feitos. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. v.1. p. 31.

27 Aquele cuja idade já declina da varonilidade, ancião. BLUTEAU, Raphael. op. cit., v.2. p. 514.



mativa do senhor de engenho ou pecuarista, com base na aparência.<sup>28</sup> Em geral, a população escrava prevalecente era adulta, seguida por crianças e velhos.

Outra questão seria a situação jurídica do escravo no momento da avaliação: 95,2% dos cativos estavam na condição de escravos; 3,8% deles eram forros; 0,7% eram corridos; e apenas 0,3% era deportado. Isto significa dizer que os escravos eram um bem de herança importante para os herdeiros do falecido, pois a transmissão desta força de trabalho conseguiria manter as atividades econômicas familiares vivas por um bom período. Os escravos alforriados arrolados nos inventários tinham conseguido tal situação através da geração anterior do inventariado. Os dois escravos corridos citados nos inventários não se saberia sua procedência. Por fim, o escravo deportado teria vindo da África.

No tocante a ocupação do escravo, em São Cristóvão, se compararmos o número do plantel com as atividades econômicas da vila percebe-se a baixa diversidade de ocupações. Os escravos dedicavam-se a poucos ofícios. Do total: 97,3% deles não tiveram ocupação informada; 0,3% era sapateiro; 0,3% era barbeiro<sup>29</sup> arumbeleiro; 0,3% era banqueiro<sup>30</sup>; 0,3% era caldeireiro; 0,3% era fiandeira<sup>31</sup>; 0,3% era lacineira; 0,3% era lavadeira; e 0,3% era purgadeira. De tal modo, os escravos que não tiveram sua ocupação declarada nos inventários exerciam serviço do campo ou doméstico. Aqueles que se distinguiam dos demais no tocante à especialização ocupacional, tiveram seus ofícios registrados.

Os escravos sem ocupação descrita seriam plantadores, colhedores, e carregadores desenvolvendo estas atividades nas lavouras de cana de açúcar, mandioca, tabaco. Além dos escravos de enxada e foice que existiam nas fazendas e na moenda, e os barqueiros, canoieiros, vaqueiros, pastores e pescadores. Cada senhor tinha um mestre de açúcar, um banqueiro, um contrabanqueiro, um purgador, um caixeiro no engenho e outro na cidade.<sup>32</sup> Havia também os escravos que trabalhavam na residência dos senhores, e desempenhavam a ocupação de: cozinheiras, mucamas, amas, lavadeiras, engomadeiras, cocheiros, serralheiros, vendedores e ferreiros. Outros carregavam cadeira de arruar ou liteira, e outros exerciam o serviço de rua de mando ou recado. Assim, constatamos o caráter secundário

28 SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos*. Engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 288

29 Homem que faz as barbas, e as rapa, corta, ou apara. BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. v.1. p. 167.

30 O que tem banco de comércio, que dá letras de cambio, desconta letras, e faz semelhantes operações de comércio. BLUTEAU, Raphael. op. cit., v.1. p. 164.

31 Mulher que fia e talvez vive de fiar. BLUTEAU, Raphael. op. cit., v.1. p. 613.

32 ANTONIL, André J. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo: Itatiaia, 1982. p. 24.



da escravidão em São Cristóvão, na medida em que temos poucos escravos qualificados, uma imensa maioria sem ocupação declarada, e com seus preços inferiores em relação a outras capitanias.

Outra característica foi a condição de saúde física e mental do escravo. Os inventários mostram que 92,8% dos escravos não tinham informação sobre sua condição, certamente eram sadios; 2,0% eram doentes, mas não tinha nenhuma especificação de enfermidade; 0,7% eram aleijados; 0,7% eram incapaz; e 0,3% era doente da barriga; 0,3% da cabeça; 0,3% da costa; 0,3% do fígado; 0,3% dos olhos; 0,3% lascado de machado; 0,3% lançava sangue pela boca; 0,3% quebrado de uma virilha<sup>33</sup>; 0,3% das duas virilhas; 0,3% de um virilha e com uma sutura na barriga; e 0,3% era quebrado de virilha.

As doenças mais frequentes denotavam ser resultado de esforços físicos exagerados ou maus-tratos tais como: aleijões, fraturas, mutilações, hérnia, quebrados da virilha. Outras oriundas de má alimentação e falta de higiene como cegueira, bicho nas costas, feridas, calor de fígado. Além das doenças respiratórias, e problemas ósseos, intestinais, ginecológicos, e mentais.

A análise da condição de saúde do escravo, a partir dos inventários nos permitiu dizer que: a escravaria tinha boa saúde; o tratamento dispensado ao cativo poderia variar de acordo com sua situação nos sítios, engenhos, currais, ou lavouras; muitas soluções de baixo custo adotadas pelos senhores de engenho e pecuaristas, no fornecimento de moradia, alimentos, roupas ou remédios, fizeram proliferar doenças entre os cativos. A relação entre a condição de saúde física e mental do escravo com o seu valor atribuído, seria que o escravo saudável teria maior valor que o escravo doente.

Se compararmos o perfil demográfico dos escravos de São Cristóvão com outras regiões, conforme os estudos de Flávio Gomes<sup>34</sup> e Manolo Florentino<sup>35</sup> para o Rio de Janeiro no século XVIII, Ana Paula dos Santos



33 *Segundo Flexor, provavelmente trata-se hoje da síndrome do impacto do quadril, ou seja, a falta de articulação da cabeça do fêmur com o acetábulo, ou concavidade do quadril em que se encaixa aquele osso, comum em pessoas que exercem atividades impactantes e com esforço. FLEXOR, Maria Helena Ochi. Os ofícios mecânicos e o negro no espaço urbano de Salvador. Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero Americano. Salvador: s/e, s/a. p. 818.*

34 Cf. GOMES, Flávio. "A demografia atlântica dos africanos no Rio de Janeiro, séculos XVII, XVIII e XIX: algumas configurações a partir dos registros eclesiais". *Hist. cienc. saude-Manguinhos* vol.19 supl.1 Rio de Janeiro Dec. 2012.

35 Cf. FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e Rio de Janeiro – 1790-1830*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



Rangel<sup>36</sup> para Vila Rica/MG; Francisco Luna Vidal<sup>37</sup> para São Paulo; Gabriel Santos Berute para o Rio Grande de São Pedro/RS<sup>38</sup>; em geral o plantel segue as principais características predominantes: escravos nativos, pequenas escravarias, pequena superioridade da razão masculina, baixo índice de parentesco, faixa etária adulta e produtiva.

Por fim, analisamos a questão do preço dos escravos nos inventários *post mortem*<sup>39</sup> da Vila de São Cristóvão, 1760 a 1800. Os inventários não são as melhores fontes para tratar dos preços dos escravos. Via de regra, os valores apresentados eram inferiores àqueles aferidos nas escrituras de compra e venda, alforrias, hipotecas dos cativos; e inferiores ao preço de compra na África. Talvez o motivo do baixo preço tenha relação com os desgastes sofridos pelo cativo ao longo dos anos, o que concorreria para a diminuição do seu valor, mesmo que o bem inventariado não apresentasse maiores agravos corporais ou mentais.<sup>40</sup> Também, poderia haver o interesse em desvalorizar os escravos por parte de algum membro da família com intuito de adquiri-los ou pagar menos as custas do processo.

A estatística descritiva a baixo nos ajuda no comparativo, e mostra o valor mínimo e máximo de um escravo no momento de sua avaliação, e a média de um escravo levando em consideração a amostra de 293 escravos. Assim, temos o valor de 69\$34948 réis como preço médio do escravo inventariado em São Cristóvão. Por exemplo, este valor daria para comprar 10 bois mansos e capados (gado *vacum* de maior valor), ou um engravamento de ouro e corais azuis (objeto de ouro mais valioso inventariado).<sup>41</sup>

- 36 Cf. RANGEL, Ana Paula dos Santos. "Aspectos da demografia escrava em Vila Rica – 1755-1815". Anais do I Colóquio do LAHES. Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005.
- 37 Cf. LUNA, Francisco Vidal. Características Demográficas dos Escravos de São Paulo (1777-1829), *Estudos Econômicos*, São Paulo, 22(3): 443-483, set/dez. 1992.
- 38 Cf. BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para os Portos do Sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c.1790- c.1825*. Porto Alegre: PPG-História/UFRGS, 2006 [dissertação de mestrado].
- 39 Os inventários a princípio servem como indicativos relativamente confiáveis das tendências mais gerais do movimento do preço dos escravos. Além disso, é importante considerar as correlações existentes entre as condições do mercado local e a demanda/oferta de escravos.
- 40 MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. O preço dos escravos no termo de Vila do Carmo, 1711-1756. Comunicação apresentada no XVI Encontro Regional de História da ANPUH-MG. Belo Horizonte, 20 a 25 de julho de 2008.p.1.
- 41 Para estudos mais aprofundados sobre o preço do gado e dos objetos de metais preciosos em São Cristóvão no século XVIII ver dois artigos ainda sem publicação: SANTOS, Anderson Pereira dos. "O Gado em Sergipe". Aracaju: s/e, 2013a.; e SANTOS, Anderson Pereira dos. "Botões de Ouro, Colheres de prata: os metais preciosos como elemento da riqueza em São Cristóvão setecentista". Aracaju: s/e, 2013.

**Tabela 1: Preço mínimo, máximo, média dos escravos na Vila de São Cristóvão**

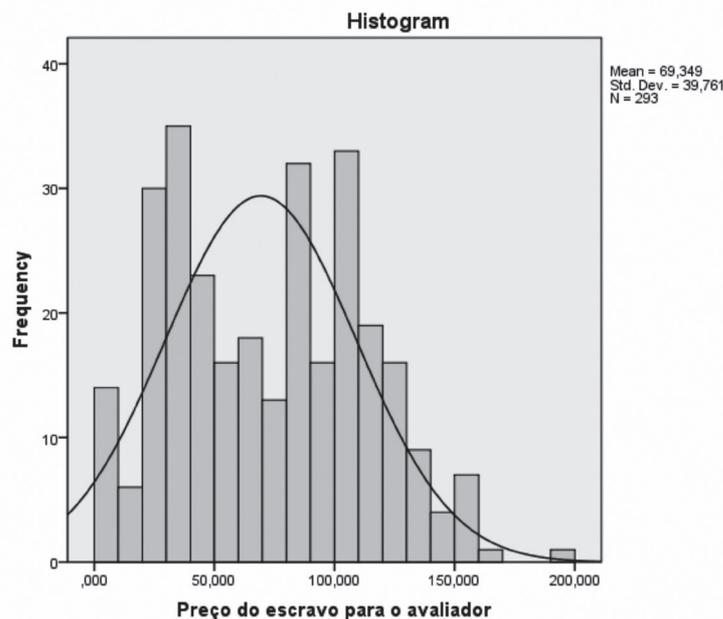
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Preço do escravo para o avaliador	295	0,000	190,000	69,34948	39,760643
Número (N) de validade da amostra	295				

Fonte: Inventários *post mortem* de São Cristóvão, 1760-1800. Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

A maior parte dos escravos avaliados: 10,6% valiam 100 mil réis; 0,3% valia 6 mil réis que era o menor valor; e 0,3% valia 190 mil réis, que era o maior valor. Os preços dos escravos variavam também segundo o gênero, idade, condições de saúde, parentesco, e ofícios que exerciam.<sup>42</sup> O preço do escravo é um jogo de variáveis, algumas das quais totalmente alheias ao próprio escravo e outras, ao contrário, intimamente ligadas à sua pessoa.<sup>43</sup>

O **Histograma 1** a seguir, mostra a curva de variação do preço do escravo no momento da avaliação. Pode-se dizer que grande parte do plantel se concentrava nas faixas médias de preço. Poucos eram os escravos de menor e maior valor. Em suma, apesar do número de escravos baixo senhores de engenho e pecuaristas possuíam peças valiosas para os mercados.

221

**Histograma 1: Preço do escravo no momento da avaliação**

Fonte: Inventários *post mortem* de São Cristóvão, 1760-1800. Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe.

42 MATTOSO, Kátia M. de Queirós. "Os escravos na Bahia no alvorecer do século XIX. Estudo de um grupo social", São Paulo: *Revista de História*, n° 97, 1974. p. 130.

43 MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser Escravo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 77.

Os registros dos valores dos escravos nos inventários foram realizados sempre em réis. A série de preços que apresentamos está associada aos preços dos escravos em idade mais produtiva (padrão) no momento da avaliação em São Cristóvão/SE. Com isso, os escravos mais valiosos eram aqueles com melhores condições físicas, de idade produtiva, homens, solteiros, e com ofício. Além disso, o valor de uso, os fatores mercantis, a oferta e a demanda influenciavam o preço do escravo<sup>44</sup> Portanto, o preço de um escravo crioulo era sempre superior ao preço do escravo africano.<sup>45</sup>

### Conclusão

O perfil demográfico da escravaria da Vila de São Cristóvão entre 1760 a 1800 apresentou várias das características encontradas em outras áreas escravistas do Brasil, onde prevaleceu a monocultura exportadora. O plantel apresentou como principais características: a heterogeneidade étnica, a predominância dos criolos e do sexo masculino, o tamanho médio dos plantéis, com pouco parentesco e maciça presença de nomes católicos, de adultos em idade produtiva, de ocupação ligada ao campo, em bom estado de saúde, e preço médio de 69\$3494 réis.

Grande parcela dos escravos tinha nome. Muitos destes nomes eram de origem católica. Uma pequena parcela de cativos possuía sobrenome. Do ponto de vista do estabelecimento de laços parentais entre os escravos, os inventários revelaram índices baixíssimos de parentesco, isto foi explicado pela grande necessidade dos senhores de engenho e pecuaristas em manterem o escravo exclusivo para a força de trabalho nos sítios, engenhos, currais e lavouras; pelo grande número de pequenos plantéis, e pela manutenção do sistema escravista. Não havia estímulo à formação das famílias escravas.

Os cativos que não tiveram sua idade informada eram adultos, e este elevado índice de adultos mostrou a necessidade de escravos em plena idade produtiva de trabalho. A atribuição das idades numéricas, era na melhor das hipóteses uma suposição ou estimativa do senhor, com base na aparência. Era costume designar a idade descritiva em vez de numérica. Foi frequente o uso de diminutivos para descrever os escravos.

Os escravos foram um bem de herança importante para a família do falecido, pois a sua transmissão conseguiria a manutenção da atividade econômica familiar viva por um bom período. Poucos foram os escravos forros. Aqueles que estiveram registrados nos inventários com tal condição jurídica tinham sido alforriados pela geração anterior do inventariado.

44 GORENDER, Jacob. O escravismo colonial. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 1985, pp.186-187.

45 FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. *A paz nas senzalas: família escrava e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c. 1790- c. 1850*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997a, pp. 48-9.



Os escravos que não tinham ocupação declarada nos inventários exerciam serviço do campo ou doméstico. Os cativos que se distinguiam dos demais no tocante à especialização ocupacional, tiveram seus ofícios registrados.

As doenças mais frequentes denotavam ser resultado de esforços físicos exagerados ou maus-tratos as principais foram: aleijões, quebrados da virilha, cegueira, bicho nas costas, feridas, calor de fígado, problemas ósseos, intestinais, e mentais. Os valores de avaliação dos escravos foram inferiores àqueles aferidos no mercado interno e externo. A maior parte dos escravos avaliados valiam 100 mil réis. Os preços dos escravos variavam também segundo o gênero, idade, condições de saúde, parentesco, e ofícios. O valor médio de um escravo era de 69\$34948 réis.

Concluimos que havia um número grande de médios proprietários de cativos. Além da grande heterogeneidade da população escrava, podemos dizer que na área dominada pela agropecuária concentrava-se um considerável plantel. Por fim, os escravos eram um bem valioso perdendo apenas para os bens de raiz, além de fonte importante de capital de giro de que os agentes econômicos dispunham, e respeitável forma de acumulação. Estas características marcam alguns aspectos demográficos da escravaria da vila de São Cristóvão nos setecentos.

